

Apresentação do dossiê:

Celebrações, efemérides e a construção da memória histórica

Bethânia Luisa Lessa Werner,¹ UDESC

Jéssica Bitencourt Lopes,² UFRGS

No ano em que a *Revista Discente Ofícios de Clío* completa dez anos de existência, a celebração dessa primeira década abre a possibilidade de dedicar uma edição especial às relações entre celebrações, efemérides e memória histórica. Afinal, marcar uma data, implica também produzir sentidos sobre aquilo que passou, selecionar acontecimentos e experiências que serão lembrados e atribuir a eles lugares particulares na memória. Foi a partir dessa circunstância que surgiu a proposta deste dossiê. Tendo em vista nossa atuação em diferentes momentos da *Ofícios de Clío*, fomos convidadas a organizá-lo, reunindo pesquisas que, em diferentes temporalidades e contextos, interrogam as formas pelas quais acontecimentos são transformados em marcos, celebrações são instituídas e memórias históricas são construídas, disputadas e reelaboradas.

Nessa perspectiva, este dossiê propõe-se a discutir as motivações que orientam a construção, a seleção e a institucionalização de determinadas datas comemorativas, tomando as efemérides para além de marcos cronológicos, mas como práticas historicamente situadas de produção de sentido. Conforme sugere Rodrigo Bragio Bonaldo (2014), comemorações e efemérides devem ser compreendidas como formas específicas de organização do tempo histórico, nas quais se articulam memória, narrativa e projetos coletivos. Ao registrar e rememorar acontecimentos, tais datas operam como dispositivos de comunicação entre gerações, por meio dos quais valores, identidades e interpretações do passado são continuamente reelaborados.

Rememorar essa trajetória de dez anos da revista significa reconhecer que sua história é feita de pessoas, encontros, pesquisas e possibilidades de formação. Ao longo de sua existência, a *Ofícios de Clío* abriu espaço para que discentes de diferentes níveis de formação

¹Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e bolsista CAPES. Secretária do GT História Política da ANPUH/RS.

²Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora na SEDUC-RS. Secretária do GT História Política da ANPUH/RS.

e de distintas regiões do Brasil pudessem fazer circular suas pesquisas, colocando em diálogo objetos, temporalidades, populações e perspectivas historiográficas diversas. Nesse percurso, a revista também se constituiu como um espaço de aprendizagem do próprio fazer historiográfico. Para além dos autores que nela publicaram suas primeiras pesquisas, diferentes estudantes passaram por suas equipes editoriais, participaram de processos de organização, avaliação e edição, aprendendo a dialogar com autores e pareceristas e experimentaram, coletivamente, práticas que integram a produção e a circulação do conhecimento histórico. As revistas discentes, ocupam um lugar particular na formação acadêmica, constituem espaços nos quais ensino e pesquisa se encontram, permitindo que estudantes aprendam os procedimentos, debates, critérios e responsabilidades envolvidos em sua construção e divulgação do conhecimento científico. Ao longo desses dez anos, muitas pessoas passaram pela *Ofícios de Clío* e, posteriormente, seguiram trajetórias distintas, ocupando diferentes espaços institucionais, acadêmicos e profissionais. A diversidade desses percursos também integra a história da revista e evidencia sua dimensão como espaço de encontro entre sujeitos em formação, pesquisas e diferentes formas de fazer historiográfico.

É nesse movimento entre memória e história que se insere a proposta deste dossiê: ao olhar para diferentes celebrações, efemérides e usos do passado, os artigos aqui reunidos interrogam os processos por meio dos quais determinadas experiências são selecionadas, narradas e transformadas em referências compartilhadas. Se a passagem dos dez anos da *Ofícios de Clío* nos oferece a ocasião para rememorar uma trajetória, os textos que compõem esta edição nos permitem ampliar esse olhar e observar, em diferentes contextos históricos, como outras sociedades, instituições e grupos também produziram suas próprias formas de lembrar, celebrar, silenciar e atribuir sentidos ao passado.

A partir dos artigos selecionados, este dossiê pretende contribuir para o entendimento das razões pelas quais determinadas datas comemorativas existem e, sobretudo, dos agentes e contextos responsáveis por sua instituição e permanência dessas efemérides. Nesse sentido, as efemérides revelam-se como espaços privilegiados de disputa simbólica, nos quais se decide o que deve ser lembrado, como e por quem. Como argumenta Reinhart Koselleck (2006), a relação entre eventos e estruturas permite compreender que a história não se limita à apreensão de acontecimentos isolados, “[...] mas nos eventos que ela investiga [onde] delineiam-se estruturas que estabelecem ao mesmo tempo as condições e os limites da ação futura” (Koselleck, 2006, p. 145), o que envolve a identificação de condições que orientam e

delimitam horizontes de expectativa. Assim, é possível observar o caráter plural de temporalidades inscritas na análise desses eventos e das estruturas em que foram forjados, articulando passado, presente e futuro.

Dessa articulação, a memória se apresenta como elemento fundamental na constituição das datas e de suas comemorações, evidenciando o caráter plural das temporalidades inscritas nas efemérides, nas quais passado, presente e futuro se entrelaçam. É nesse contexto que a memória assume papel central, uma vez que, conforme destaca Maurice Halbwachs (2006), ela é socialmente construída e ancorada em quadros coletivos que orientam aquilo que uma sociedade escolhe recordar. Desse modo, as datas comemorativas não são neutras, mas configuram-se como construções históricas que refletem interesses, valores e disputas próprios de seus contextos de produção.

Este dossiê, portanto, tem como objetivo reunir pesquisas que investiguem as celebrações, efemérides e seus múltiplos significados em diferentes sociedades e períodos. Considerando as diversas formas de apreensão do tempo histórico, este dossiê foi formado por trabalhos que dialogam com a teoria da história, com a pluralidade das temporalidades e com os processos de elaboração e disputa de sentidos sobre os acontecimentos históricos. Parte-se do entendimento de que as efemérides não se limitam a momentos de celebração, mas constituem ocasiões privilegiadas para refletirmos sobre a construção da memória histórica, os usos do passado e os modos pelos quais diferentes sociedades atribuem significado a suas experiências no tempo. Os artigos que compõem o dossiê partem de diferentes temas, períodos e recortes para refletir sobre as formas de lembrar, celebrar e atribuir sentidos ao passado, mobilizando questões relacionadas ao gênero, à raça, ao futebol, à imigração, aos povos indígenas e às elites empresariais.

No texto *Contando a vida de Festa: a escrita biográfica na história a partir das ações de uma enfermeira-parteira comunista entre Porto Alegre e a vila de Butiá (1930-1940)*, Lucas Specht parte da trajetória de Maria Siani Festa para refletir sobre a escrita biográfica na História e, através dela, observar as relações de gênero e os espaços de militância política nas comunidades mineiras de carvão do Rio Grande do Sul. Há 80 anos, em uma carta entre representantes do Partido Comunista, é citada a parteira “D. Maria”. É a partir desse e de outros rastros documentais que o autor acompanha a trajetória de Festa, observando-a como uma fresta, ou, como ele mesmo diz, uma janela, para perceber as comunidades mineiras de carvão no estado gaúcho, permitindo que, a partir da sua biografia, possamos observar uma

realidade marcada pelo trabalho masculino, mas também pela presença e pela atuação das mulheres. Há 90 anos, essa mesma mulher fora acusada de propaganda comunista por seus colegas de trabalho no Hospital São Pedro, o que possivelmente acarretou sua demissão. Um ano depois, seria presa, dois dias após a instalação do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937. Mais tarde, já nas minas de Butiá, seria identificada pela companhia carbonífera como “um dos elementos mais perigosos de Butiá”.

Por outro lado, centralizando a análise nos recortes de raça e classe, Ryan dos Santos Cardoso apresenta o artigo intitulado *O processo de integração dos afro-brasileiros no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*. Buscando compreender os processos de integração da população negra ao futebol ao longo da história brasileira, o autor toma como objeto o caso do Grêmio de Porto Alegre, identificando a origem elitista do clube e as práticas de exclusão racial presentes em seus primeiros anos. A partir da análise de diferentes fontes, entre elas a imprensa, Cardoso discute como a constituição desse espaço esteve marcada por práticas de embranquecimento e por uma definição restrita de quem poderia pertencer ao clube, ao mesmo tempo em que mostra as formas de resistência e as iniciativas da população negra na luta por sua inserção no futebol. Nesse sentido, o artigo contribui para o dossiê ao mostrar como as disputas por pertencimento e reconhecimento também atravessam a construção das identidades e memórias, privilegiando alguns grupos e deixando outros à margem.

Em continuidade a essa discussão sobre a atuação das elites na construção de representações e lugares de distinção, Jéssica Bitencourt Lopes discute a construção de uma determinada imagem do Rio Grande do Sul nas exposições estaduais e nacionais. Sob o título *Expor o progresso: o Rio Grande do Sul nas exposições de 1901 e 1908*, o artigo analisa a participação gaúcha na Exposição Estadual, em 1901, e na Exposição Nacional, em 1908, mostrando como esses eventos contribuíram para projetar uma imagem de um estado moderno, produtivo e industrializado. A partir de fontes de diferentes naturezas, a autora aponta as exposições como espaços de celebração, seleção e consagração, nos quais determinados setores, grupos e agentes ganhavam destaque na representação do progresso. Nesse processo, a trajetória de Alberto Bins e de sua empresa, a *E. Berta & Cia*, aparecem como exemplo de como empresários e empreendimentos eram reconhecidos e incorporados a essa imagem de desenvolvimento, contribuindo para a construção de uma memória específica sobre o progresso gaúcho.

Deuclésio Zamarchi Brustolin, em *150 Anos da “Grande Imigração Italiana”: Efemérides, Tradição Inventada e Identidade Histórica em Nova Trento (SC)*, vem levantar uma análise crítica em torno das efemérides relacionadas à imigração, mostrando que essas celebrações são resultado de seleções, que homogeneizam algumas culturas enquanto silenciam outras. Partindo da análise das efemérides relacionadas à imigração italiana no município de Nova Trento, no estado de Santa Catarina, o autor analisa as transformações dessas narrativas ao longo das décadas, evidenciando que elas se constituem como uma tradição inventada, que busca uma lógica de coesão social através da reescrita do passado e que, assim, as efemérides, além de celebrações, são também produtoras de memórias. A partir de fontes diversas, como a constituição de uma praça, um livro, monumentos e placas comemorativas, o autor mostra que os imigrantes que constituíram Nova Trento tinham origens das mais diversas, sendo incorreto e superficial apontá-los simplesmente como italianos, e que essa tradição, essa identidade inventada, surge para organizar uma narrativa que, além de homogeneizar os imigrantes, também silencia outras memórias, como a dos povos indígenas que já habitavam aquele espaço.

Já Beatriz dos Santos da Silva, em *O Dia dos Povos Indígenas no Brasil: uma tradição inventada pela República*, analisa a celebração do antigo “Dia do Índio”, atualmente denominado Dia dos Povos Indígenas, também a partir da perspectiva de uma tradição inventada. A autora demonstra como a institucionalização da data esteve vinculada a um projeto político do Estado brasileiro de construção de sentidos sobre as sociedades indígenas, contribuindo para a produção de uma representação homogeneizante do “índio” e para a definição de quais imagens e sujeitos indígenas seriam socialmente reconhecidos. A partir da análise da legislação e de documentos produzidos pelo Estado, a autora evidencia como o 19 de abril se constituiu como uma ferramenta política, pedagógica e memorial articulada às políticas indigenistas e ao projeto de integração dos povos indígenas à sociedade nacional. O artigo propõe compreender o 19 de abril também como um lugar de memória, capaz de estabelecer conexões entre passado e presente e, sobretudo, de possibilitar o questionamento de narrativas cristalizadas e a emergência de outras memórias, colocando em evidência a necessidade de reconhecer os protagonismos, as agências e os direitos dos povos indígenas.

A partir disso, este dossiê busca ampliar as reflexões sobre as comemorações e as efemérides na História, observando suas relações com a memória e com as diferentes formas de experimentar e atribuir sentidos ao tempo. Ao reunir essas diferentes perspectivas, também

desejamos vida longa à Revista Discente Ofícios de Clío, espaço de formação e de construção coletiva que tem sido fundamental em nossas trajetórias.

Boa leitura!

Referências bibliográficas

BONALDO, Rodrigo Bragio. **Comemorações e efemérides:** conceitos paralelos entre antigos e modernos. 2014. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.